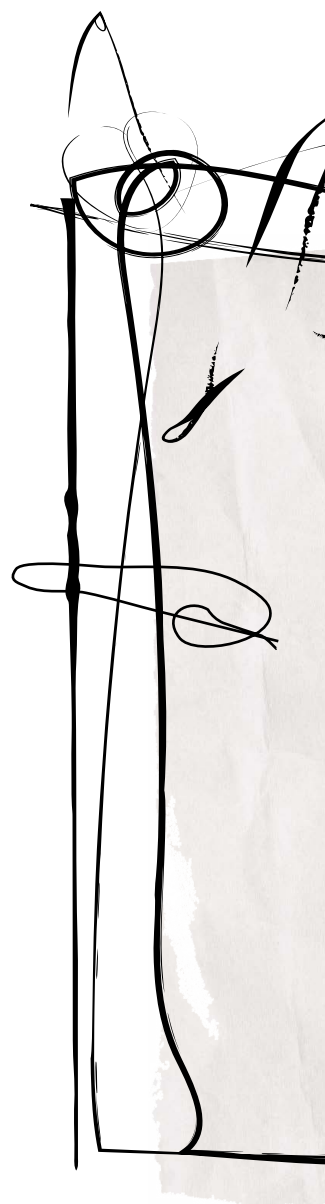


Refazendo cidades africanas⁷





AbdouMalig Simone

Universidade de Sheffield

TRADUÇÃO:

Luís Paulo da Silva Almeida

Refazendo cidades africanas

Resumo

Este artigo apresenta o livro de 2004 *For the City Yet to Come: Changing African Life in Four Cities*, de autoria de AbdouMaliq Simone, que se dedica há mais de vinte anos ao estudo das cidades africanas como ativista, professor, pesquisador e assessor de ONGs e governos locais. O autor mostra-nos as nuances, obscuridades e criatividades por detrás da vida urbana das várias Áfricas e elabora uma análise crítica ao sofrimento e injustiças da vida urbana. Simone contesta a visão convencional de “cidades falhadas”, argumentando que a compreensão dos centros urbanos em África passa por conhecer as origens históricas de cada cidade em particular e, não menos importante, também conhecer de perto os saberes locais, que são fortemente imbuídos na cultura, que se refletem nos sistemas sociais, econômicos e políticos “informais” que dão vida e forma às cidades (*Por não haver resumo no texto original, este foi feito pelos editores*).

Palavras-chave: cidades africanas, vida urbana, injustiça espacial, cultura urbana, África.

Rehaciendo ciudades africanas

Resumen

Este artículo presenta el libro de 2004 *For the City Yet to Come: Changing African Life in Four Cities*, de AbdouMaliq Simone, quien ha pasado más de veinte años estudiando las ciudades africanas como activista, docente, investigador y asesor de ONGs y gobiernos locales. El autor nos muestra los matices, las oscuridades y la creatividad detrás de la vida urbana de las distintas Áfricas y elabora un análisis crítico del sufrimiento y las injusticias de la vida urbana. Simone cuestiona la visión convencional de las “ciudades fallidas”, argumentando que la comprensión de los centros urbanos en África implica conocer los orígenes históricos de cada ciudad en particular y, no menos importante, también conocer el conocimiento local, que está fuertemente imbuido en la cultura, que se reflejan en los sistemas sociales, económicos y políticos “informales” que dan vida y forma a las ciudades (*Al no existir un resumen en el texto original, éste fue realizado por los editores*).

Palabras clave: ciudades africanas, vida urbana, injusticia espacial, cultura urbana, África.

Reconstruction of african cities

Abstract

This article presents the 2004 book *For the City Yet to Come: Changing African Life in Four Cities*, by AbdouMaliq Simone, who has spent more than twenty years studying African cities as an activist, teacher, researcher and NGO advisor. and local governments. The author shows us the nuances, obscurities and creativity behind the urban life of the various Africas and elaborates a critical analysis of the suffering and injustices of urban life. Simone contests the conventional view of "failed cities", arguing that the understanding of urban centers in Africa involves knowing the historical origins of each city in particular and, not least, also getting to know the local knowledge, which is strongly imbued in the culture, which are reflected in the "informal" social, economic and political systems that give life and form to cities(*Since there is no abstract in the original text, this was done by the editors*).

Keywords: African cities, urban life, spatial injustice, urban culture, Africa.



As cidades africanas não funcionam, ou pelo menos as suas caracterizações são convencionalmente repletas de representações que vão desde as valentes lutas, embora na maior parte equivocadas, dos pobres para ganhar algum sustento mínimo até as descrições mais insidiosas de corpos envolvidos em liminaridade quase constante, decadência, ou conflitos religiosos e étnicos. Um ponto de vista mais generoso reconhece que as cidades africanas são obras em andamento, ao mesmo tempo em que são tremendamente criativas e extremamente estagnadas. Em cidade após cidade, pode-se testemunhar um pulsar incessante produzido pela intensa proximidade de centenas de atividades: cozinhando, apreçoando, vendendo, carregando e descarregando, brigando, rezando, descansando, batendo e comprando, tudo lado a lado em cenários muito apertados, muito deteriorados, muito entupidos de desperdícios, história e energia díspar, e suor para sustentar todos eles. E ainda assim, persistem. Sony Labou Tansi o escritor congolês e um dos renomados observadores da vida urbana do continente, fala sobre o caso do amor africano com a “miscelânea” – os puxões e empurrões da vida em todas as direções das quais ordens provisórias são apressadamente montadas e demolidas, que por sua vez tentam “pegar emprestado” tudo o que está à vista. Pode ser que esse uso do que quer que apareça, bem como a manutenção de centenas de diversidades em algum tipo de vínculo estreito, dêem a muitas cidades Africanas sua aparência de vitalidade.

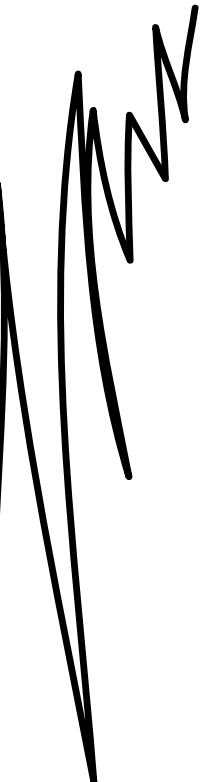
Mas como Tansi (1988) também sugere em seu romance *The Antipeople*, assim como em grande parte de seu teatro, o próprio sentido de atirar as coisas umas para as outras não torna uma sociedade necessariamente mais flexível ou produtiva (TANSI, 1988). Às vezes a miscelânea paraliza os elementos em seu lugar e deixa as culturas estáticas e lentas para se adaptarem às mudanças das condições. Em outros momentos, eles podem se adaptar

muito bem e esquecer que a adaptação ou acomodação não é essencialmente o que a sociedade é, ou é capaz de se tornar. Desta forma, embora existam muitas maneiras pelas quais os Africanos urbanos reinventaram tradições e as tornaram interlocutores dinâmicos entre passado e futuro em sua vida cotidiana, enormes energias criativas foram ignoradas, desperdiçadas e deixadas sem uso.

Durante muito tempo estive envolvido em vários tipos de esforços para entender o que está em ação nas cidades africanas. Busquei investigar como elas funcionam - tanto em algum sentido normativo de eficácia como em uma série ampliada de noções sobre o que as cidades podem e devem fazer - a fim de usar esses entendimentos como uma plataforma para engajamentos institucionais mais inovadores e incisivos com os processos e residentes urbanos. Grande parte deste esforço tem envolvido tentativas, muitas vezes imprecisas, de olhar para como as cidades africanas se tornam um local para a elaboração de economias translocais que se desdobram e são implantadas dentro de lógicas e práticas que colocam de lado as noções usuais de crescimento e desenvolvimento. Longe de serem marginais aos processos contemporâneos de recomposição escalar e de reimaginação das comunidades políticas, as cidades africanas podem ser vistas como uma fronteira para uma ampla gama de experiências difusas com a reconfiguração de corpos, territórios e arranjos sociais necessários para recalibrar as tecnologias de controle. Por exemplo, há um interesse crescente em vários ministérios da União Europeia quanto ao que a aparente ingovernabilidade, ainda assim contínua sobrevivência, de cidades como Lagos e Kinshasa pode ter a dizer sobre o futuro da governança urbana em geral.

Aqui, o que convencionalmente conhecemos como legalidade e ilegalidade, guerra e paz, o corpóreo e o espiritual, o formal e o informal, o movimento e o lar são trazidos para uma proximidade que produz um senso de lugar altamente ambíguo. Essas ambiguidades ocasionam intensas lutas sobre as quais as identidades têm acesso legítimo e direitos sobre lugares e recursos específicos. Mas elas também ampliam a capacidade histórica de muitas sociedades africanas de configurar formações sociais altamente móveis. Estas formações enfatizam a construção de múltiplos espaços de operação que incorporam uma ampla gama de habilidades táticas destinadas a maximizar as oportunidades econômicas através de compromissos transversais entre territórios e arranjos díspares de poder.

Neste livro, *For the City Yet to Come: Changing African Life in Four Cities*, optei por me concentrar em práticas sociais, políticas e econômicas específicas que considero cruciais para a realização dessas capacidades de formações sociais. Em outras palavras,



olho para o que acontece em espaços e tempos bastante circunscritos que podem ajudar a preparar atores específicos para alcançar e se estender por um mundo maior e decretar essas possibilidades de se tornar urbano.

Especificamente, eu me concentro nas seguintes problemáticas: em cidades onde a subsistência, a mobilidade e a oportunidade parecem ser produzidas e promulgadas através da própria aglomeração de diferentes corpos marcados e situados de diversas maneiras, como é que as permutações na interseção de sua existência física, suas histórias, redes e inclinações, podem produzir valor e capacidade específicos? Se a cidade é um enorme cruzamento de corpos em necessidade, e com desejos em parte impulsionados pelo número absoluto deles, como um número maior de corpos pode se sustentar se impondo em conjunturas críticas, sejam estas conjunturas espaços discretos, eventos da vida, ou locais de consumo ou produção?

A tarefa é intimidante na medida em que é difícil determinar com qualquer precisão que tipo de possibilidades e futuros urbanos estão sendo feitos. Pois as cidades estão cheias de histórias de transformações e ressurreições repentinas e inexplicáveis - de pessoas que não têm nada de repente acumulando quantidades significativas de riqueza, apenas para perdê-la de um dia para o outro e depois "ressuscitá-la" em um momento posterior. Estas oscilações estão embutidas em um contexto onde os horizontes de um futuro razoavelmente alcançável e a capacidade de imaginá-los desapareceram para muitos jovens - atualmente o maior grupo populacional da região. Os africanos urbanos também parecem cada vez mais incertos de como espacializar uma avaliação de suas chances de vida - ou seja, de onde assegurarão o sustento, onde se sentirão protegidos e cuidados, e onde irão adquirir as habilidades e capacidades críticas para fazê-lo.

Os anos acumulados de desilusão popular com os estados africanos, as exigências de trabalho intensivo para assegurar as necessidades básicas, a "negociabilidade" enraizada da justiça e os efeitos dos processos de reforma econômica mandatados e supervisionados internacionalmente têm, em grande parte, sobrecarregado a eficácia das práticas urbanas que priorizam a reciprocidade social e a interação contínua da diversidade complementar.

No ambiente urbano é cada vez mais difícil determinar quais práticas sociais, alianças e conhecimentos podem ser mobilizados o suficiente para produzir resultados prováveis concebidos com antecedência. Da mesma forma, a rapidez com que as impressões podem ser fixadas no imaginário popular, a desenvoltura organizada não antecipada e

as disposições de comportamento transformadas muitas vezes não permitem nenhuma certeza quanto às identidades dos ingredientes ou processos envolvidos.

As pressões para manter a coesão funcional dentro da estrutura de sistemas familiares alargados e as práticas de distribuição de recursos que a acompanham são enormes. Há uma preocupação por parte de muitos residentes em cidades africanas com o quanto eles estão ligados ao destino de outros que eles testemunham "estar afundando" ao seu redor. Ao mesmo tempo, eles esperam que os laços à sua volta sejam suficientemente fortes para resgatá-los, se necessário.

Os próprios atos de atar e desfazer laços sociais tornam-se o local de intensa contestação e preocupação - ou seja, quem pode fazer o quê com quem sob quais circunstâncias se torna um domínio tão carregado de tensão e até mesmo de violência que demarcações claras são adiadas e tornadas opacas. Não está claro o que está mesmo acontecendo. Esta ambiguidade não é apenas uma realidade enfrentada pelos residentes urbanos, mas uma realidade que eles também parecem trazer consigo. Em muitas cidades, a própria disposição dos bairros sempre serve para confundir e desconcertar avaliações claras sobre o que está acontecendo face às incertezas muitas vezes avassaladoras (MALAQUAIS, 2002; MBEMBE, 2003).

Outra maneira de olhar para esta dinâmica é considerar a ambiguidade que resulta na relação entre a forma como as cidades são governadas e as respostas a esta regra por parte da maioria dos residentes urbanos. Para muitos residentes urbanos, a vida é reduzida a um estado de emergência (AGIER, 2003). O que isto significa é que há uma ruptura na organização do presente. As abordagens normais são insuficientes. O que aconteceu no passado ameaça a manutenção do bem-estar, ao mesmo tempo em que proporciona um fornecimento inadequado de recursos para lidar com esta ameaça. A emergência não deixa tempo para pensar, não deixa tempo para traçar a etiologia precisa da crise, pois a sequência de causalidade é suspensa na urgência de um momento em que a imprudência pode ser tão importante quanto a cautela. O passado traz a comunidade ao limiar e, neste precipício, o que pode haver para recordar?

Ao mesmo tempo, a emergência descreve um processo de coisas em construção, da emergência de novos pensamentos e práticas ainda instáveis, ainda provisórios em termos do uso que será dado a tais pensamentos e práticas. Este é um presente, então, capaz de aparentemente absorver qualquer inovação ou experiência; uma temporalidade caracterizada por uma falta de gravidade que poderia manter significados em expressões e ações específicas. Não há direções e a desorientação é



garantida. No entanto, a experiência da crise pode ser dissipada na medida em que não há normalidade que se possa referir, não há sentimento de algo que se desenrola, embora também não haja garantia de que a comunidade não voltará ao mesmo lugar de onde começou. Assim, a emergência conota tanto o fim de uma certa flexibilidade de interpretação, quanto a capacidade de adiar para outro dia um balanço de compromisso e convicção, que agora se encontra no caminho errado. Ao mesmo tempo, este estado de emergência permite, por mais fugaz que seja, que uma comunidade experimente sua vida, suas experiências e realidades, em seus próprios termos: esta é nossa vida, nada mais, nada menos.

Mesmo quando ocorre um certo grau de melhoria, racionalização ou “desenvolvimento”, esta experiência de emergência de duplo sentido põe em movimento uma maneira específica de ver, de visualizar o ambiente que informará como as pessoas, as coisas, os lugares e as infraestruturas serão utilizados. A auto-responsabilidade pela sobrevivência urbana abriu espaços para diferentes formas de organização das atividades. As comunidades têm se envolvido cada vez mais em um ou mais aspectos da prestação de serviços essenciais, ao mesmo tempo em que advogam por um planejamento e gestão urbana mais eficazes. Muitas associações locais foram formadas para melhorar o saneamento, fornecer abrigo, melhorar a comercialização, ampliar as microfinanças e advogar por uma gama mais ampla de direitos. Além disso, formas mais difusas de mobilização social têm vindo à tona. Mas o que eu também quero mostrar nesta discussão é como esses esforços às vezes são engajados como plataformas que se estendem para elaborar maneiras de usar a cidade e maneiras para que os moradores urbanos usem entre si, que são mais difíceis de identificar, explicar ou conter.

Como resultado dessas histórias e dinâmicas, os mecanismos através dos quais as economias locais se expandem e se fundem em novas formações políticas são muitas vezes pouco claros, assim como muitas vezes obscuros e problemáticos. Elas podem envolver articulações altamente tênues e frequentemente clandestinas entre, por exemplo, redes religiosas e fraternas, funcionários públicos que operam em capacidades privadas, redes de listas de clientela que mobilizam mão-de-obra muito barata, partidos políticos estrangeiros e corporações transnacionais que operam fora dos procedimentos convencionais. Com estes cenários econômicos surgem configurações mais flexíveis de vida associativa, estruturas mais desterritorializadas de reprodução social e identidade política, bem como preocupações autóctones com o

pertencimento. Conseqüentemente, o esforço para “fazer malabarismos” com cenários contraditórios de bem-estar se torna mais volátil e incerto.

Em resposta, os residentes buscam maneiras de colaborar com pessoas muitas vezes muito diferentes de si mesmos, operando em diferentes partes da cidade, e com quem estabelecem relações altamente particularizadas e formas de lidar uns com os outros. Essas redes não são construídas em termos de organizações convencionais ou associações de base, mas muitas vezes envolvem um grande número de pessoas que coordenam implicitamente seus comportamentos na busca de objetivos que têm tanto a definição individual quanto a coerência mútua entre os participantes. Neste livro, procuro documentar e analisar estas formas mutáveis de colaboração social. Também me propus a fornecer um contexto histórico, político e socioeconômico para o surgimento de tais formas e sua importância na remodelação de uma ampla gama de cidades africanas.



Lidando com restrições

Em parte, as formas emergentes de colaboração social estão relacionadas à proliferação de certas restrições sobre como os africanos urbanos são capazes de garantir a subsistência e as manobras através da cidade em geral. Os sistemas de apoio social enraizados em conexões familiares estendidas, reciprocidade local e várias composições de laços compartilhados, que outrora contavam para sustentar a aparência de bairros urbanos dinâmicos e estáveis, estão se tornando cada vez mais tensos (DEY; WESTENDORFF, 1996; MONGA, 1996; TRIPP, 1997; DE BOECK, 1998; MOORE, 1998; LUND, 2001; MASQUELIER, 2001). Essas tensões às vezes são políticas, pois os bairros recebem mais responsabilidades oficiais para administrar diferentes serviços urbanos (BRETT, 1996; RAKODI, 2003). Esta responsabilidade gera novas modalidades de colaboração, mas também intensifica a concorrência (BANGURA, 1994; SCHUBELER, 1996). Em alguns casos, as comunidades se polarizaram em linhas de estratificação social que no passado eram mais abertas (EL-KENZ, 1996; DEVISCH, 1995; DIOUF; FOTÊ; MBEMBE, 1999).

As tensões também são econômicas, dado que o acesso a qualquer tipo de emprego - formal e informal - é cada vez mais difícil (SETHURAMAN, 1997; INTERNATIONAL LABOR ORGANIZATION, 1998; COLLIER; GUNNING, 1999; LACHANCE, 2000). Como resultado, os sistemas de apoio familiar e residencial, antes altamente elaborados,



se vêem sobrecarregados (KANJI, 1995; HARTS-BROEKHUIS, 1997; ROBERTSON, 1997; BRYDEN, 1999). Estima-se que cerca de 75% das necessidades básicas são fornecidas informalmente na maioria das cidades africanas, e que os processos de informalização estão se expandindo através de setores e domínios separados da vida urbana (ARKADIE, 1995; KING, 1996). Embora o desemprego sempre tenha sido uma realidade persistente para as cidades africanas, as compensações disponíveis agora requerem ações mais drásticas (LUGALLA, 1995; EMIZET, 1998; ROITMAN, 1998). As inundações de importações baratas possibilitadas pela liberalização do comércio estão diminuindo os sistemas de produção local (MKANDAWIRE; SOLUDO, 1998). Ao mesmo tempo, vários componentes da racionalização econômica abriram possibilidades para a apropriação de bens anteriormente públicos - terras, empresas, serviços - por interesses privados, particularmente para as elites emergentes que estão bem posicionadas nos aparelhos que administram o ajustamento estrutural.

Possibilidades de reprodução social são excluídas para um número crescente de jovens. Como tal, as ações, identidades e composição social através das quais os indivíduos tentam obter a sobrevivência diária são mais provisórias, posicionando-os em uma proliferação de tempos aparentemente difusos e discordantes. Sem responsabilidades e certezas estruturadas, os lugares em que os jovens habitam e os movimentos que empreendem tornam-se instâncias de geografias desarticuladas - ou seja, subsumindo lugares em ordens místicas, subterrâneas ou de bruxaria, universos proféticos ou escatológicos, mitos altamente localizados que capturam as lealdades de grandes corpos sociais, ou rotinas reinventadas diariamente que têm pouca ligação com qualquer coisa.

Ao extremo, como base material da confiança em institutos locais outrora confiáveis, números cada vez maiores de africanos "desaparecem" de forma muito visível em um espaço interior recuado - uma espécie de alucinação coletiva de se afastar do mundo. Este pode ser um espaço altamente volátil, pois mesmo que marcado por geografias intrincadas de mundos espirituais, pode elevar a "vida civil" em uma mistura rudimentar de crueldade e ternura, indiferença e generosidade. Ao mesmo tempo, as novas redes relacionais estão interligadas com diferentes vertentes culturais com locais, instituições e transações em diferentes escalas - em outras palavras, uma capacidade de saber o que fazer para ter acesso a vários tipos de recursos instrumentais.

A sobrevivência dessas cidades também está cada vez mais baseada na extensão de suas conexões com uma ampla gama de organizações internacionais, assim como acordos bilaterais e multilaterais que fornecem os fundos para muitos dos serviços

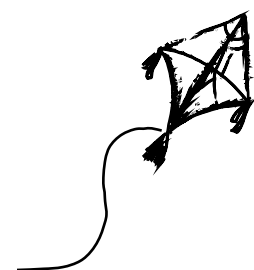
urbanos básicos que são prestados. Assim, as cidades permanecem, pelo menos "oficialmente", inscritas em uma narrativa de desenvolvimento. Mas o desenvolvimento como uma modalidade específica de temporalidade não se trata simplesmente de atender às necessidades dos cidadãos. Trata-se de tornar os seres éticos; de manter as pessoas em relações que as tornem governáveis. Como tal, o desenvolvimento é sobre ajudar os residentes a atender suas necessidades de uma forma "boa" ou "moral" (CHIPKIN, 2003). No entanto, dentro das cidades africanas, a sustentabilidade das comunidades significa em grande parte sustentar formas de associação e movimentação que não são conducentes a tal cidadania nem à produção dos seres morais do tipo requerido pelos estados e outros órgãos de "supervisão" e/ou doadores. Como tal, a relevância dessas práticas locais, e até mesmo sua eficácia, deve ser frequentemente mascarada.



Cidades e ajustamento estrutural

Contrariamente a tais realidades precárias, Thandika Mkandawire argumentou incisivamente que os estados africanos tiveram um desempenho muito bom na primeira década de independência. O desenvolvimento acelerado, não apenas na entrega de produtos de desenvolvimento, mas em suas tentativas de transformar os aparelhos políticos e administrativos nacionais inadequados para as tarefas de modernização. O escopo deste trabalho forçou os governos a elevar seus orçamentos ao limite, a fim de lidar tanto com os custos das infra-estruturas físicas e sociais necessárias quanto com a configuração de contratos sociais viáveis, a fim de fornecer pelo menos estruturas temporárias de coesão social (MKANDAWIRE, 2002; CLUB DU SAHEL/OECD; MUNICIPAL DEVELOPMENT PROGRAM, n.d.). Na tentativa de recalibrar a viabilidade financeira do desenvolvimento, as capacidades políticas das sociedades se desgastaram, resultando na imposição de regimes disciplinares que estabelecem enclaves de capacidade administrativa fiscal distanciados de compromissos reais com processos ou instituições sociais locais.

Assim, o ajuste estrutural vem não apenas para se referir às políticas que reestruturaram a economia, mas também à reestruturação do tempo e do espaço das vidas africanas (OBARRIO, 2002). Muitos estados já nem sequer fazem esforços simbólicos para demonstrar preocupação com o bem-estar de suas populações, e os discursos de governação participativa ou empreendedorismo local tornam-se, em grande parte, *performances* implementadas para atrair o interesse dos doadores. A cidade que emer-



ge de crises no campo político ocasionadas por valores monetários constantemente flutuantes ou dívidas intransponíveis é uma cidade onde as considerações sobre o que é importante fazer, sobre o que tem valor ou eficácia, se tornam cada vez mais opacas.

Em alguns casos, aparentemente, a totalidade dos recursos materiais de muitas nações africanas deve-se a interesses estrangeiros que, no processo, também se tornam propriedade delas. Como aponta Juan Obarrio, os espaços de transação estão efetivamente corroídos, pois o que quer que uma nação possua, seus recursos materiais, humanos e culturais, são consumidos no que cada vez mais se torna uma concepção espectral de valor, ou seja, os valores do capital financeiro virtual (IBIDEM, 2004). A volatilidade das sociedades africanas pós-coloniais em construção está, portanto, sujeita à volatilidade das oscilações de preços. Esta volatilidade constitui o padrão através do qual os derivados e outros instrumentos financeiros são tarifados e pelo qual os recursos africanos, tais como ouro ou algodão, são mobilizados para um futuro indeterminável. As oscilações entre estabilidade e instabilidade, tais como a as remunerações de lucro e prejuízo na guerra de baixa intensidade, tornaram-se altamente lucrativas para aqueles que administram, por exemplo, os circuitos de mercadorias de cacau, pedras preciosas e minerais. Ao mesmo tempo, a capacidade política dos Estados em regular ou servir populações debilitadas diminui, assim como a capacidade da nação de servir como ponto de referência através do qual os "cidadãos" podem situar as suas perspectivas e desenvolver algum tipo de avaliação sobre o que é provável que aconteça com eles.

Esta era de ajuste estrutural enquadra então a intensa preocupação de toda a região com a questão de como os residentes urbanos podem trabalhar e colaborar uns com os outros - mais particularmente como as conexões são melhor formadas e mantidas; quão visíveis e conhecidas estas conexões podem e devem ser. Se um futuro visível e uma vida fora da miséria incessante se tornaram impensáveis para muitos, então os africanos devem intervir através de várias formas na adversidade para conseguirem alguma contra-realidade (NLANDU, n.d.; HETHERINGTON, 2002).



Fazendo uso da cidade

A cidade é a conjunção de possibilidades aparentemente infinitas de refazer. Com seu artifício de arquiteturas, infra-estruturas e sedimentação canalizando movimento, transação e proximidade física, os corpos estão constantemente "em linha" para afetar e

serem afetados, "entregues" a terrenos específicos e possibilidades de reconhecimento ou coalescência (CHEAH, 1999). Vejamos, por exemplo, estruturas precárias tais como estradas, muitas vezes inundadas e com buracos, áreas muitas vezes inacessíveis, barracas quebradas, negócios frágeis, vendedores ambulantes, alfaiates e artesãos amontoados em locais provisórios e dispersos. Mesmo em suas condições supostamente depauperadas, todas são aberturas em algum lugar, texturas que pontuam e conduzem. São o produto de práticas espaciais específicas e interações complexas de vários atores localizados que refletem manobras por parte dos moradores da cidade para se resituarem de forma constante em campos de ação mais amplos (WEISS, 2002; DE BOECK, 2003).

Tem havido uma enorme gama de estudos sobre setores econômicos urbanos informais africanos, mercados de terra e meios de subsistência. Mas a maior parte deste trabalho tem se concentrado nas informalidades como compensação pela falta de urbanização bem sucedida, particularmente em termos de adiamento de níveis elevados de integração espacial, econômica e social dentro da cidade. Outros estudos têm analisado as economias informais ou "reais" como instrumentos através dos quais processos sustentáveis e viáveis de uma urbanização "normativa" poderiam ser consolidados. Na maioria das vezes, estes estudos não examinaram as formas pelas quais tais economias e atividades poderiam agir como uma plataforma para a criação de um tipo muito diferente de configuração urbana sustentável do que geralmente ainda viremos a conhecer (ROGERSON, 1997; MACGAFFREY, 1988; MALDONADO, 1989; DAWSON, 1992; GREY-JOHNSON, 1992; SIMON, 1992; PETERS-BERRIES, 1993; LOUP, 1996; VAN DIJK, 1996; SETHURAMAN, 1997; TRIPP, 1997).

Em um sentido, a diminuição do emprego no setor público, a superlotação nos setores informais (MHONE, 1995), o aumento da concorrência por recursos e serviços e uma crescente orientação de sobrevivência por parte de muitos residentes urbanos realoca a forma como as pessoas estruturam as relações de trabalho cotidianas. As empresas lidam com aqueles que lhes são mais familiares. As transações são conduzidas com aqueles com quem se tem contato regular. Para todos os seus problemas - ressentimentos mútuos, obrigações e perda de autonomia - as relações familiares tornam-se a base das relações de negócios. Este é especialmente o caso quando setores particulares são incapazes de absorver efetivamente quaisquer novos ingressantes (KANJI, 1995).

Mas também há grandes elementos de dissimulação e mascaramento envolvidos neste processo. Em outras palavras, o que parece ser cada vez mais paroquial,



identidades e práticas estreitamente delineadas podem realmente funcionar como marcadores em uma economia social complexa onde os atores tentam participar com muitas identidades diferentes ao mesmo tempo (BERRY, 1995). Este é um "jogo" onde os indivíduos se tornam diferentes tipos de atores para diferentes comunidades e atividades. Por um lado, reitera-se, em casa, uma solidariedade baseada em grande parte no parentesco e na vizinhança. Ao mesmo tempo, os atores sociais estão envolvidos em formas muito diferentes de se associar, fazer negócios, ganhar apoio, compartilhar informações ou realizar suas identidades em outros bairros da cidade. Além disso, há frequentemente uma proliferação de acordos econômicos "oficialmente" clandestinos (mas, na realidade, altamente visíveis) (ELLIS; MACGAFFEY, 1996; MBEMBE, 2000).

Aqui, atores de diferentes procedências religiosas, étnicas, regionais ou políticas colaboram na base de que ninguém espera que tais colaborações ocorram. Como resultado, muitas vezes os recursos podem ser reunidos e empregados com grande rapidez e eficácia. Isto ocorre porque o processo não é deliberado de forma exagerada, escrutinado ou sujeito às exigências e obrigações normalmente inerentes aos sistemas de solidariedade baseados em parentesco e vizinhança.

Na maioria das cidades africanas, as intervenções políticas e programáticas se concentraram na necessidade de uma maior integração das cidades. Frequentemente, busca-se isso sem se preocupar com a forma como o espaço urbano fragmentado - ou seja, características altamente divergentes dos bairros e suas relações entre si - incorpora a heterogeneidade das oportunidades urbanas e oferece possibilidades para a elaboração de meios de subsistência que não correspondem facilmente aos quadros normativos impostos. Frequentemente assume-se que os bairros urbanos - de histórias e capacidades variadas - estão acima de tudo interessados em consolidar os campos sociais locais em estruturas de representação que possam atuar como uma plataforma para acessar e influenciar acordos de poder em escalas maiores. Há muitas vezes a suposição de que esta consolidação inevitavelmente toma a forma de, pelo menos, a semelhança de organizações e papéis bem elaborados. Mas os investimentos populares em tempo e energia estão muitas vezes em outro lugar; isto é, focados em juntar maiores espaços de ação - maiores tanto em termos de território quanto de interdependências sociais entre estatuto, classe, etnia, geração, posição social, e assim por diante.



Mitigando danos

A cidade é também o local de danos potencialmente irreparáveis, onde aqueles que a navegam nunca podem ter certeza de como sua própria existência pode estar implicada nas narrativas e comportamentos de outros; em outras palavras, onde eles nunca podem ter certeza se sua posição imediata e suas ações inadvertidamente os colocam em alguma "linha de fogo" - em uma trajetória de alguma capacidade de transporte capaz de lhes causar sérios danos. À medida que as possibilidades de mediação diminuem - ou seja, estruturas institucionais capazes de organizar diferenças de intensidade e inclinação em locais, entidades, setores e campos de interpretação confiáveis claramente definidos - a noção de potencial dano potencial aumenta. No entanto, os moradores urbanos devem encontrar algum meio de conexão, geralmente implícito e fora de sua consciência, que os leve uns para os outros em modos que os mantenha em ação. Ao mesmo tempo, essas conexões fornecem a base para sua convicção de que se podem manter próximos uns dos outros e fora de perigo (SERRES, 1995; MAFFESOLI, 1996; CLARK, 2000). Quem pode estar nas ruas e em que circunstâncias; quem pode recorrer a espaços protegidos sem ter que descobrir maneiras de lidar com os outros; quem pode ter acesso a que tipo de espaços? Todas estas são questões com grande rapidez e significado na maioria das cidades africanas.

Em estados com sistemas precários ou inexistentes de previdência e redes de segurança, muito tem sido feito sobre a capacidade dos indivíduos de se apoiarem em sistemas familiares alargados e em formas de capital social para atravessar períodos prolongados de desemprego, doença ou velhice. Mas muitas vezes o processo de cair de volta nestes laços resulta caindo em prejuízo, já que a dependência transforma os indivíduos em objetos frequentemente fáceis de manipulação e culpabilização.

As cidades são densidades de histórias, paixões, mágoas, vinganças, aspirações, evasões, deflexões e cumplicidades. Como tal, os residentes devem ser capazes de conceber um espaço suficientemente delimitado de modo a consolidar energias díspares e fazer acontecer coisas em escala. Mas, ao mesmo tempo, eles devem conceber um espaço fracionado suficientemente grande para que sentimentos perigosos possam se dissipar ou ser desviados. Os residentes urbanos estão, portanto, preocupados com que tipos de jogos, instrumentos, idiomas, linhas de visão, construções e objetos podem ser colocados em jogo a fim de antecipar novos alinhamentos de iniciativa e recursos sociais e, portanto, capacidade. A questão é como pessoas de diferentes trajetórias de vida podem se envolver na vida umas das outras sem necessariamente



obrigar a transações e obrigações específicas. Como as permutações subsequentes ressuscitam o interesse mútuo em colaborações sociais, mesmo quando os benefícios discerníveis podem não ser claros ou quando os participantes são confrontados com provas inconclusivas de suas próprias posições dentro deles (DONNELLY-ROARK; OUEDRAGO; YE, 2001)?



Reafirmando a colaboração

Muitos dos sons que emergem das cidades africanas são tornados inaudíveis ou inexplicáveis. O discurso é muitas vezes violentamente excluído ou implacável em sua mímica, em suas promessas ou em seu medo desesperado de fazer uma pausa. A política urbana deve então dizer respeito à invenção de uma plataforma ou cenário na qual a cacofonia das vozes urbanas seja audível e compreendida, e na qual os oradores se tornem visíveis. O que é dado como um status objetivo é colocado em questão ao tornar visível aquilo que, sob a ótica de um determinado campo perceptivo, não tem sido visível (RANCIÈRE, 1998). É dado um "nome", não necessariamente um "nome correto", mas, não obstante, uma designação. Este nome é uma técnica e um instrumento que permite que algo possa afetar e ser afetado.

Aqui, me preocupa como os laços afetivos são revitalizados e como um desejo de intercâmbio e cooperação social pode conter as sementes das economias sociais que se estendem através da escala, do tempo e do alcance. Mas isto não se trata diretamente de organizações da sociedade civil e organizações não-governamentais (ONGs), associações de microcrédito ou associações populares. Ao contrário, estou interessado aqui em formas mais difusas, mas não menos concretas, nas quais diversos atores urbanos se reúnem e atuam. Quais são algumas das maneiras pelas quais os residentes urbanos estão construindo um campo emocional particular na cidade, tentando restaurar um senso muito físico de conexão uns com os outros? Esta é uma micropolítica de alinhamento, interdependência e exuberância. Este não é o trabalho de exames etnográficos detalhados de novos movimentos sociais, novos arranjos de vida, ou novas formas de produtividade urbana. É uma prática de estar sintonizado com sinais fracos, clarões de criatividade importante em manobras desesperadas, pequenas erupções no tecido social, que proporcionam nova textura, plataformas pequenas, mas importantes a partir das quais se pode ter acesso a novas visões.

Sendo que uma ação com conhecimento de causa é em grande parte uma atividade prática que envolve a construção de novas relações nas lacunas que sempre se abrem no processo de conduzir as relações existentes - de agir, gesticular, mover-se e alinhar-se. A colaboração urbana não reflete e institucionaliza simplesmente processos e formas sociais claramente identificáveis. Há lacunas e abertura, espaço para negociação e provocação, e assim a colaboração pode assumir muitas formas. Às vezes as pessoas se juntam em organizações que têm nomes, mas onde não está claro para quase todos o que é exatamente a organização e o que ela faz. Em outros momentos, um evento pode desencadear uma vizinhança inteira em cursos de ação aparentemente desconhecidos, mas com uma sincronicidade que faz parecer como se alguma lógica profunda de mobilização social estivesse sendo desencadeada. Ainda em outros momentos, os meios em que as localidades tanto ativam como resistem à mudança em relação às decisões em que as autoridades governamentais constroem tentativas de plataformas para que as pessoas colaborem de forma "silenciosa", mas poderosa. Essas colaborações têm o potencial de alterar substancialmente a posição da localidade dentro do sistema urbano maior.



Recombinando a contingência

O impulso deste livro é que está sendo gerada uma ampla gama de ações provisórias, altamente fluidas, mas coordenadas e coletivas que correm paralelamente, embora se cruzem com uma proliferação crescente de autoridades locais descentralizadas, empresas de pequena escala, associações comunitárias e organizações da sociedade civil. Estas ações, por sua vez, estão repletas de economias morais e sociais geradas localmente, pressionadas, no entanto, por um envolvimento mais expansivo com uma ampla gama de processos e atores externos. Se as cidades africanas, em algum nível funcionam, então eu defendo que estas práticas desempenham um papel importante para fazê-las funcionar.

O centro deste livro, então, é uma série de estudos de caso que tentam demonstrar o complexo entrelaçamento de recursos e problemas em uma ampla variedade de esforços para reunir formas viáveis de vida urbana. Discutirei longamente vários "casos" - de Pikine (Senegal), Winterveld (África do Sul), Douala (Camarões), e Jidda (Arábia Saudita). Cada um dos quatro casos será apresentado e enquadrado por uma de quatro noções distintas: o informal, o invisível, a adversidade e o movimento. Estas noções não são utilizadas como estruturas conceituais que dirigem e respondem pelo



comportamento urbano, mas sim como pontos de entrada heurísticos na descrição de capacidades variadas de diversos residentes urbanos para operar em conjunto sem infra-estruturas discerníveis, estruturas políticas e práticas institucionais nas quais se possa fazer isso. Elas são usadas para ajudar a dar sentido ao que, de outra forma, parece simplesmente dimensões díspares e irracionais da vida urbana.

Estas noções são utilizadas para supor processos de operação urbana que podem não necessariamente ter uma coerência empírica, mas sim elaborar um campo possível através do qual os moradores de variadas trajetórias de vida prestem atenção, se aproximem ou coordenem suas ações uns com os outros. Eles servem como formas de trazer a cidade para algum tipo de foco e para alavancar o acesso aos efeitos das forças e práticas urbanas, que de outra forma não são fáceis de apreender. Em outras palavras, para encontrar formas de tornar visíveis as possibilidades urbanas que foram suprimidas ou deixadas difusas ou opacas na concentração em linguagens analíticas que tentam explicar a vida urbana através de uma delimitação específica de identidades sociais, setores e instituições.

As paisagens urbanas vêm para refratar várias camadas de sedimentação - de usos e organização passados - assim como para incorporar uma série de possíveis significados e ações fora dos níveis de mudança de especificação trazidos a essas paisagens pelos aparelhos de controle predominantes e, na África, frequentemente fragmentados. A pergunta que me interessa ao explorar estes estudos de caso é como os residentes podem ler seus ambientes de maneira a impulsioná-los para fora da navegação diária à qual estão acostumados. Que possibilidades e oportunidades estão abertas? Como as diversas possibilidades são vistas como excluídas? Como os residentes estão assumindo várias identidades e posições incluídas em diferentes esforços de colaboração? Como essas colaborações são espacializadas e avaliadas de forma a gerir os padrões oscilantes de inclusão e exclusão?

As instituições urbanas africanas, no passado, foram chamadas a fornecer plataformas que facilitem a ação independente, mas ainda assim tentam assegurar um senso de equanimidade que ressoe com valores culturais profundamente sentidos. Mas à medida que essas instituições enfraquecem e centros de gravidade social se dissipam, novas formas de vida urbana e sociabilidade estão potencialmente repletas dos perigos de parasitismo, manipulação e provisionalidade incessante. Portanto, para que novas transações ocorram, seus elementos constituintes - pessoas, recursos, lugares e mobilidades - muitas vezes devem ser reunidos de forma a afastar a publicidade, o escrutínio e a comparação. Este processo de reunir os lucros não por

uma lógica específica compartilhada pelos participantes, pode ser visto como uma recombinação de contingência. Em outras palavras, uma coincidência de perspectivas, interpretações, compromissos e práticas que permitem a diferentes residentes em diferentes posições convergir e/ou divergir uns dos outros, de forma incremental ou radical, e, nesse processo, refazer o que é considerado possível fazer.

Estas noções de enquadramento - informalidade, invisibilidade, adversidade e movimento - são utilizadas aqui como campos de operações táticas, constituem um campo crítico ou *locus* através dos quais diferentes capacidades, práticas e interpretações podem ser cruzadas e através das quais as formas mais efêmeras de colaboração de residentes de diferentes origens podem ser visualizadas. Mais uma vez, estas noções não são postas aqui como alguma ação de estruturação lógica abrangente; pelo contrário, elas simplesmente fornecem um mecanismo através do qual as diversas práticas e tendências em ação em cada estudo de caso podem ser vistas como coincidentes.

Para apreciar o que os residentes urbanos africanos enfrentam, bem como o contexto no qual as formas emergentes de colaboração social vieram à tona, fazem sentido ou fazem as coisas acontecer, analisarei na maior parte deste livro as condições em que eles operam. O que há nas cidades africanas - suas histórias, economias e posições - que ocasionam as colaborações emergentes como uma modalidade particularmente incisiva para aqueles que as experimentam? Discutirei como as histórias, macroeconomias e estruturas de política urbana e de desenvolvimento relacionadas às cidades africanas preparam o cenário para a informalização de grandes porções da vida cotidiana dentro delas, e como os residentes lidam com este processo de informalização. Assim, vou rever as várias dimensões econômicas, políticas e sociais da informalidade no trabalho nas cidades africanas. Falarei sobre as diferentes implicações da informalização em diferentes escalas de operação e as formas pelas quais os bairros urbanos tentam se situar e mediar essas diferenças de escala.

Mais uma vez, meu objetivo é falar sobre as formas como as cidades africanas são produtivas. As experiências que discuto aqui têm sido complicadas, e não é fácil reunir lições claras e simples. A linguagem de descrição também será, portanto, complicada às vezes. Nem sempre ficará claro exatamente o que está acontecendo, pois as histórias dão abertura a outras histórias. Tentei encontrar uma narração inicial próxima aos processos reais em andamento - uma narração próxima ao entrelaçamento de identidades e domínios superficialmente distintos. Aprecio plenamente como a vida cotidiana na maioria das cidades africanas se tornou difícil, e não romantizo nem



celebro o que está acontecendo. Ao contrário, acredito que é importante enfatizar que o que está acontecendo tem valor e importância, e é um aspecto crucial da África enquanto ela se refaz a si mesma.



Uma nota metodológica: engajamentos múltiplos como metodologia

É difícil realizar pesquisas sociais contínuas e sistemáticas em muitos bairros (ou seja, divisão ou distrito) das cidades africanas, especialmente onde as mudanças parecem mais pronunciadas e o complexo de interação social. Como as categorias convencionais para entender tais mudanças são elas mesmas abertas, “desfiguradas” e rearranjadas, é difícil confiar que se está trabalhando com entidades estáveis e consistentes ao longo do tempo. Por esta razão, optei por me concentrar no próprio provisório. Em outras palavras, escolhi não tentar conduzir uma pesquisa social sistemática, mas sim mergulhar em vários ambientes sob quaisquer condições e rubricas possíveis. Mais uma vez, eu estava particularmente interessado nas várias maneiras pelas quais os residentes podiam colaborar uns com os outros fora das associações e instituições formais. Eu estava interessado em casos de desarticulação de bairros a partir dos bairros, de bairros dos governos estaduais e municipais, de identidades sociais umas das outras, e de economias formais das economias informais. Eu estava interessado em como esta desarticulação se tornou um recurso ou um modo de operação para a colaboração social visando a realização de um uso amplo de cidade. Em outras palavras, procuro aqui acrescentar uma nova dimensão à análise urbana, concentrando-me em aspectos particulares do comportamento individual e coletivo fora dos contextos convencionais de família, instituição e bairro.

Acredito que esses “foras” são domínios e considerações importantes para entender as cidades africanas como mais do que cidades “fracassadas”. As cidades africanas são mais do que simplesmente cidades que precisam de melhor gestão, mais participação popular, mais infraestrutura e menos pobreza. Isto não quer dizer que as cidades africanas não precisem dessas coisas. Pelo contrário, acredito que nunca iremos realmente apreciar o que uma história acumulada da África urbana tem a oferecer a nosso conhecimento sobre as cidades em geral, a menos que encontremos uma maneira de ir além dos enormes problemas e desafios.

Para que os recursos limitados destinados ao desenvolvimento urbano na África sejam eficazes, é importante estabelecer uma causa comum com os esforços diários dos residentes africanos. Esta é uma causa comum para usar a cidade como um gerador de imaginação e bem-estar, de fazer ligações e operar em conjunto com o mundo em geral. A única maneira de fazer tal causa comum é ampliar a sensibilidade, criatividade e racionalidade das práticas e comportamentos cotidianos que ou são invisíveis ou parecem estranhos. Minha intenção é abrir as formas pelas quais as realidades urbanas africanas são deliberadas, as políticas são feitas e os programas são implementados. As cidades africanas têm muito a nos oferecer em termos de melhorar nossa compreensão sobre grandes faixas da vida social. São particularmente essas dimensões da vida cotidiana "entre" as categorias e designações que têm as oportunidades mais incisivas para fazer isso.

Este livro é baseado em quase quinze anos de trabalho em várias cidades africanas. Há muito tempo tomei a decisão de explorar os vários meios de operar nessas cidades. Tentei encontrar várias formas de passar o tempo em bairros. Em alguns casos, minha afiliação com os bairros foi como ativista, conselheiro de uma ONG ou do governo local, professor, companheiro muçulmano, trabalhador de desenvolvimento, e/ou pesquisador. Durante muitos anos, eu trabalhei em várias agências de assistência social islâmica baseadas em África tentando ajudar as comunidades a pensar em diferentes maneiras de melhorar as condições de vida, mantendo intactos os aspectos críticos de suas identidades muçulmanas. Ensinei em universidades no Gana, Sudão, África do Sul e Costa do Marfim, onde tentei aproximar a experiência da universidade à realidade cotidiana de bairros urbanos específicos. Durante a extensa descentralização da governação urbana que ocorreu durante a última década, fui analista de políticas e conselheiro de vários governos municipais. Trabalhei com um grupo regional de ONGs de desenvolvimento urbano para experimentar diferentes maneiras de gerar conhecimento e fazer pesquisas com as comunidades nas quais trabalham. Menciono estas diferentes posições a fim de dar reconhecimento aos diversos meios através dos quais as perspectivas e análises com este livro foram reunidas.

Talvez o nosso conhecimento destas questões aqui discutidas possa ser substancialmente melhorado através de pesquisas comparativas sistemáticas de longo prazo, entrelaçando pesquisa e métodos etnográficos. Tais projetos, no entanto, constituem um empreendimento gigantesco. Tem havido um interesse limitado na África urbana. Em parte, tenho assumido diferentes pontos de vista e posições profissionais porque um único ponto de entrada ou modalidade profissional simplesmente não é adequado



para ter acesso a muitos processos urbanos críticos. Assim, eu tenho ido e vindo - cidade a cidade, posição a posição. O enquadramento de posicionamento, sem dúvida, influenciou a maneira como eu vejo as cidades de que falei aqui. Tais idas e vindas são processos que não são desconhecidos por muitos africanos urbanos. Embora este método certamente não seja o único em uso, tem sido adotado por muitos habitantes da cidade para tentar entender o que está acontecendo.

Como muitos observadores têm continuamente levantado a problemática de exatamente o que pode tornar as cidades especificamente "africanas", quero deixar claro que minha intenção não é estabelecer uma especificidade geográfica ou uma modalidade ou urbanização particularmente "africana". O impacto de diferentes formas pré-coloniais de urbanização, lógica e administração colonial e desenvolvimento pós-colonial nas cidades africanas tornam-nas de caráter heterogêneo. No entanto, diante da reestruturação econômica global, os arranjos econômicos particulares, as inclinações culturais e as formas de engajamento externo que em grande parte tornaram as cidades africanas diferentes umas das outras estão sendo desvendadas.

Além disso, lugares urbanos específicos, separados por distâncias físicas e culturais marcadas, estão sendo interpenetrados, em grande parte pelas ações dos próprios atores africanos. Por exemplo, cidades tão diversas como Mbuji-Mayi, Port Gentile, Adis Abeba, Arusha e Nouadibhou estão sendo vinculadas através da participação daqueles que fazem delas sua base em um sistema cada vez mais articulado de *contra-comércio*. O Contra-comércio envolve conexões com Bombaim, Dubai, Bangkok, Taipei, Kuala Lumpur, e Jidda. Estes circuitos, por sua vez, "se prolongam" e se ligam aos caminhos migratórios mais convencionais dos africanos ocidentais e centrais para a Europa, e cada vez mais nos Estados Unidos, e do leste africano para a América do Norte e o Reino Unido (CONSTANTIN, 1994). Estes circuitos estão organizados em torno de diferentes mercadorias, porém, um perfil comum ganhou força. Produtos primários valiosos, tais como minerais em particular, são desviados das estruturas "oficiais" de exportação nacional para intrincadas redes onde grandes volumes de produtos eletrônicos, armas, moedas falsificadas, títulos, narcóticos, dinheiro lavado e bens imóveis circulam através de várias "mãos" (MACGAFFEY; MUKOHYA; ENGUNDU; BEDA; SCHOEPPF, 1991; BAYART; ELLIS; HIBOU, 1999; OBSERVATOIRE GEOPOLITIQUE DES DROGUES, 2001; GORE; PRATTEN, 2003).

As cidades africanas também se encontraram historicamente no mesmo barco quando se trata de unir um senso funcional de coerência e viabilidade a partir de uma

coleção muito aleatória de aspirações e meios de subsistência. Muitas cidades não africanas também podem estar no mesmo barco. Entretanto, as cidades africanas compartilham uma região e são, portanto, objetos de iniciativas políticas e programas específicos e funções administrativas que são organizadas de acordo com linhas regionais. Essas iniciativas e funções têm um grande impacto na forma como as cidades são governadas e desenvolvidas. O que as distintas cidades africanas fazem desta "uniformidade" é, então, importante para o que lhes acontece no futuro. Além disso, a identificação de alguns pontos em comum, baseados empiricamente ou não, pode ser crítica para apoiar o próprio processo de expansão dos espaços de operação dentro dos quais os residentes dessas cidades estão engajados.

O que é fundamental aqui é que as cidades africanas refletem, em diferentes dimensões e relações de poder, canais de engajamento com vários espaços e domínios geográficos, tanto materiais quanto espirituais. Em vez de ver essas cidades como predominantemente marginais de um mundo urbanizado maior, a maioria das cidades africanas têm sido plataformas de mediação. Tem havido lugares onde a assimilação, a integração e a reformulação e consolidação de novas formas, especificamente endógenas, de pensar e fazer as coisas poderiam ocorrer simultaneamente (FETTER, 1976; ROBERTS, 1987; PELS, 1998). Estas caracterizações têm sido tanto a força quanto a vulnerabilidade da cidade na África. Mais uma vez, esta elasticidade urbana proporciona uma multiplicidade de formas de entrar e sair, deixando, ao mesmo tempo, as cidades quer excessivamente fluidas ou sedentárias.

Em um aspecto, os julgamentos sobre o "grau" de desenvolvimento, capacidade, produtividade ou marginalização assumem um certo senso de ligação entre as cidades africanas. Elas são vistas principalmente como criações coloniais, ainda em grande parte ligadas ao mundo através dos resíduos dessas relações coloniais. No entanto, ver as cidades africanas apenas em termos de suas relações coloniais e pós-coloniais, muitas vezes torna difícil ver o quão "modernas", "inovadoras" e "engenhosas" elas podem realmente ser. Isso também pode impedir uma compreensão mais completa das formas multifacetadas em que elas estão envolvidas com o resto do mundo.

Se houver uma conexão empírica entre cidades africanas distintas, é improvável que ela se encontre na simples reiteração de sua sujeição comum a alguma estrutura abrangente chamada "colonialismo". Em outras palavras, para que o colonialismo seja retido como um conceito útil na compreensão das histórias urbanas africanas é preciso apreciar as diferentes influências que foram trazidas para determinados espaços urbanos. Formadas de maneiras diferentes, as cidades poderiam então for-



necer referências importantes umas para as outras. Era mais fácil fazer certas coisas em algumas cidades, e não em outras. Através da estadia, migração e quantidades limitadas de comércio, as cidades conseguiram criar alguma forma de ligação (ILLIFE, 1995; PEEL, 1980). Não vou fazer uma análise dessas interligações neste livro, mas é importante afirmar aqui sua existência para afirmar que espaços distintos de manobrabilidade que simplesmente não foram usados ou explorados existem nas cidades Africanas há algum tempo.

Referências

- AGIER, M. Between War and City: Towards an Urban Anthropology of Refugee Camps. **Ethnography**, n. 3, 2002, p. 317-342.
- ARKADIE, V. The State and Economic Change in Africa. In: CHANG, H.; ROWTHORN, R. **The Role of the State in Economic Change in Africa**. Oxford: Clarendon Press, 1995.
- BANGURA, Y. Economic Restructuring, Coping Strategies, and Social Change: Implications for Institutional Development in Africa. **Development and Change**, n. 25, 1994, p. 785-827.
- BAYART, S. E.; HIBOU, B. (Orgs.). **The Criminalization of the State in Africa**. Indianapolis: Indiana University Press; London: James Currey, 1999.
- BERRY, S. Stable Prices, Unstable Values: Some Thoughts on Monetization and the Meaning of Transactions in West African Economies. In: GUYER, J. **Money Matters: Instability, Values, and Social Payments in the Modern History of West African Communities**. Portsmouth, N. H.: Heinemann; Londres: James Currey, 1995.
- BRETT, E. A. The Participation Principle in Development Projects: The Costs and Benefits of Participation. **Public Administration and Development**, n. 16, 1996, p. 5-19.
- BRYDEN, L. Tightening Belts in Accra, 1975-1990. **Africa**, n. 69, p. 366-385.
- CHEAH, P. Spectral Nationality: The Living on [sur-vie] of the Postcolonial Nation and Neocolonial Globalization. **Boundary**, v. 2, n. 26, 1999, p. 225-252.
- CHIPKIN, I. **Functional and Dysfunctional Communities: The Making of National Citizens**. *Journal of Southern African Studies*, n. 29, 2003, p. 63-82.
- CLARK, N. Botanizing on the Asphalt? The Complex Lives of Cosmopolitan Bodies. **Body and Society**, n. 6, 2000, p. 12-33.
- CLUB DU SAHEL/OECD. Managing the Economy Locally in Africa: Assessing Local Economies and Their Prospects. OECD. Disponível em: https://knowledge-uclga.org/IMG/pdf/manuel_def_tome_2_anglais.pdf. Arquivo consultado em 25 mar. 2022.
- COLLIER, P.; GUNNING, J. W. Explaining African Performance. *Journal of Economic Literature*, n. 37, 1999, p. 64-111.
- CONSTANTIN, F. La transnationalité, de l'individu à l'Etat: A propos des modes populaires d'action internationale en Afrique orientale. In: GIRARD, M. (Org.). **Les individus dans les relations internationales**. Paris: Economica, 1994.
- DAWSON, J. The relevance of the Flexible Specialisation Paradigm for Small-Scale Industrial Restructuring in Ghana. **Bulletin of the Institute of Development Studies**, n. 23, 1992, p. 34-38.
- DE BOECK, F. Kinshasa: Tales of the 'Invisible City' and the Second World. In: EWENZOR, O. (Org.). **Under Siege: Four African Cities: Freetown; Johannesburg; Kinshasa; Lagos**. Ostfildern-Ruit: Harje Cantz Publishers, 2003.

- DE BOECK, F. Beyond the Grave: History, Memory, and Death in Postcolonial Zaire. In: WERBNER, R. (org.). **Memory and the Postcolony: African Anthropology and the Critique of Power**. Londres: Zed, 1998.
- DEVISCH, R. Frenzy, Violence, and Ethical Renewal in Kinshasa. *Public Culture*, n. 7, 1995, p. 593-629.
- DEY, K.; WESTENDORFF, D. (Orgs.). **Their Choice or Yours: Global Forces or Local Voices?** Geneva: United Nations Research Institute for Social Development, 1996.
- DIOUF, M.; FOTÉ, H. M.; MBEMBE, A. The Civil Status of the State of Africa. **Codesria Bulletin**, n. 1-2, 1999, p. 39-47.
- DONNELLY-ROARK, P.; OUEDRAGO, K.; YE, X. Can Local Institutions Reduce Poverty? Rural Decentralization in Burkina Faso. **World Bank**, 2001. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/19551?locale-attribute=fr>. Arquivo consultado em 27 mar. 2022.
- EL-KENZ, A. Youth and Violence. In: ELLIS, S. **Africa Now: People, Politics, Institutions**. Londres: James Currey; Portsmouth, NH.: Heinemann, 1996.
- ELLIS, S.; MACGAFFEY, J. Research on the Sub-Saharan Africa's Unrecorded International Trade: Some Methodological and Conceptual Problems. **African Studies Review**, n. 39, 1996, p. 19-41.
- EMIZET, K. Confronting Leaders at the Apex of the State: The Growth of the Unofficial Economy in Congo. **African Studies Review**, n. 41, p. 99-137.
- FETTER, B. **The Creation of Elizabethville 1910-1940**. Stanford: Stanford University Press, 1976.
- GORE, C.; PRATTEN D. The Politics of Plunder: The Rhetorics of Order and Disorder in Southern Nigeria. **African Affairs**, n. 102, 2003, p. 211-240.
- GREY-JOHNSON, C. The African Informal Sector at the Crossroads: Emerging Policy Options. **African Development**, n. 18, 1992, p. 65-91.
- HARTS-BROEKHUIS. A. How to Sustain a Living: Urban Households and Poverty in a Sahelian Town of Mopti, Africa. **Africa**, n. 67, 1997, p. 106-131.
- HETHERINGTON, K. Phantasmagoria/Phantasm Agora: Movements Out of Time and the Language of Seeing. **Space and Culture**, n. 11-12, 2002, p. 24-41.
- ILLIFE, J. **The Africans**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- INTERNATIONAL LABOR ORGANIZATION. **Jobs for Africa: A Policy Framework for an Employment-Intensive Growth Strategy**. Geneva: International Labor Organization, 1998.
- KANJI, N. Gender, Poverty, and Economic Adjustment in Harare, Zimbabwe. **Environment and Urbanization**, n. 7, 1995, p. 37-55.
- KING, K. **Jua Kali Kenya: Change and Development in an Informal Economy, 1970-1995**. Nairobi: East African Educational Publishers, 1996.
- KING, K.; LOUP, J. **Employment, Unemployment, and the Informal Economy of Yaounde and Antananarivo: A New Survey Method for the Employment Market Applied to Sub-Saharan Africa**. Paris: L'Institut français scientifique pour le développement en coopération, 1996.
- LACHANCE, P. **Africa's Real Economy and Its Development Projects: Rethinking African Development Issues**. Paris: OECD, 2000.
- LUGALLA, J. Crisis, **Urbanization, and Urban Poverty in Tanzania: A Study of Urban Poverty and Survival Politics**. Lanham, Md: University Presses of America, 1995.
- LUND. C. Precarious Democratization and Local Dynamics in Niger: Micropolitics in Zinder. **Development and Change**, n. 32, 2001, p. 845-869.
- MACGAFFEY, J. **Entrepreneurs and Parasites: The Struggle for Indigenous Capitalism in Zaire**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- MACGAFFEY, J.; MUKOHYA, V.; ENGUNDU, W. BEDA, M. M. M.; SCHOEPP, B. G. (Orgs.). **Real Economy of Zaire: The Contribution of Smuggling and Other Unofficial Activities to National Wealth**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1991.



MAFFESOLI, M. **Time of Tribes: The Decline of Individualism in Mass Society**. Londres: Sage, 1996.

MALAQUAIS, D. **Architecture, pouvoir et dissidence au Cameroun**. Paris: CERI, Karthala, 2002.

MALDONADO, C. The Underdogs of the Urban Economy Join Forces: Results of an ILO Programme in Mali, Rwanda, and Togo. **International Labour Review**, n. 128, 1989, p. 65-84.

MASQUELIER, A. Behind the Dispensary's Prosperous Façade: Imagining the State in Rural Niger. **Public Culture**, n. 13, 2001, p. 267-291.

MBEMBE, A. Necropolitics. **Public Culture**, n. 15, 2003, p. 12-40.

MBEMBE, A. At the Edge of the World: Boundaries, Territoriality, and Sovereignty in Africa. **Public Culture**, n. 12, 2000, p. 259-284.

MHONE, G. **The Impact of Structural Adjustment on the Urban Informal Sector of Zimbabwe**. Geneva: International Labor Organization, 1995.

MKANDAWIRE, T. Incentives, Governance, and Capacity Development in Africa. In: FUKUDA-PARR, S.; LOPES, C.; MALIK, K. (orgs.). **Capacity for Development: New Solutions to Old Problems**. Londres: Earthscan; Nova Iorque: United Nations Development Program, 2002.

MKANDAWIRE, T.; SOLUDO, C. **Our Continent, Our Future: African Perspectives on Structural Adjustment**. Dakar: Codesria; Trenton, N.J.: Africa World Press, 1998.

MONGA, C. **The Anthropology of Anger: Civil Society and Democracy in Africa**. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 1996.

MOORE, D. Subaltern Struggles and the Politics of Place: Remapping Resistance in Zimbabwe's Eastern Highlands. **Cultural Anthropology**, n. 13, 1998, p. 344-382.

NLANDU, M. T. Kinshasa: When Illiterate and Literate Move Beyond Political Democracy. In: **International Progress Organization**, s.d. Disponível em: <http://i-p-o.org/congdem2.htm>. Arquivo consultado em 27 mar. 2022.

OBARRIO, J. **The Spirit of the Laws in Mozambique**. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 2014.

OBARRIO, J. **History as Geopolitics in the Postcolony: The Mozambican Case**. In: Portuguese/African Encounters Congress, 2002. The Watson Institute, Brown University, 25-29 abril, 2002.

OBSERVATOIRE GEOPOLITIQUE DES DROGUES. World Geopolitics of Drugs Annual Report 1997/98. OGD, out. 1998. Disponível em: http://www.mamacoca.org/docs_de_base/Cifras_cuadro_mamacoca/OGD_cher_mamacoca/OGD_The_World_Geopolitics_of_Drugs_1997-1998.pdf. Arquivo consultado em 27 mar. 2022.

PEEL, J. D. Y. Urbanization and Urban History in West Africa. **Journal of African History**, n. 21, 1980, p. 269-277.

PELS, P. A **Politics of Presence: Contacts between Missionaries and Waluguru in Late Colonial Tanganyika**. Londres: Routledge, 1998.

PETERS-BERRIES, C. **Putting Development Studies into Practice: The Problems of Implementing Policy Reforms in Africa**. Geneva: International Labor Organization, 1993.

RAKODI, C. Order and Disorder in African Cities: Governance, Politics, and Urban Land Development Processes. In: EWENZOR, O. (Org.). **Under Siege: Four African Cities: Freetown; Johannesburg; Kinshasa; Lagos**. Ostfildern-Ruit, Alemanha: Harje Cantz Publishers, 2003.

RANCIÈRE, J. **Disagreements: Philosophy and Politics**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.

ROBERTS, R. **Warriors, Marchants, and Slaves: The State and Economy in the Middle Niger Valley, 1700-1914**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

ROBERTSON, C. **Troubled Showed the Way: Women, Men, and Trade in the Nairobi Area, 1980-1990**. Bloomington: Indiana University Press, 1997.

ROGERSON, C. Globalization or Informalization: African Urban Economies in the 1990s. In: RAKODI, C. **The Urban Challenge in Africa: Growth and Management of Its Large Cities**.

Tóquio: United Nations University Press, 1997.

ROITMAN, J. The Garrison-Entrepôt. **Cahiers d'études africaines**, n. 150-152, 1998, p. 297-329.

SCHUBELER, P. **Participation and Partnership on urban Infrastructure management**. Washington, D. C.: Urban Management Program, World Bank, 1996.

SERRES, M. **Genesis**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995.

SETHURAMAN, S. **Urban Poverty and the Informal Sector: A Critical Assessment of Current Strategies**. Geneva: International Labor Organization, 1997.

SETHURAMAN, S. **Africa's Informal Economy**. Geneva: International Labor Organization, 1997.

SIMON, D. **Cities, Capital, and Development: African Cities in the World Economy**. Londres: Belhaven, 1992.

SOULÉ, B. G.; OBI, C. **Prospects for Trade Between Nigeria and Its Neighbors**. Paris: OECD, 2001.

TANSI, S. L. **The Antipeople**. Nova Iorque: Marion Boyers Press, 1988.

TRIPP, A. M. **Changing the Rules: The Politics of Liberalization and the Urban Informal Economy in Tanzania**. Berkeley: University of California Press, 1997.

VAN DIJK, M. P. The Urban Informal Sector as a New Engine for Development: Theoretical Developments since 1972. **Asien afrika latei-namerka**, n. 24, 1996, p. 177-192.

WEISS, B. Thug Realism: Inhabiting Fantasy in Urban Tanzania. **Cultural Anthropology**, n. 17, 2002, p. 93-128.



Notas

1 Nota dos editores: A versão original deste artigo foi publicada em 2004 com o título Introduction: remaking African cities no livro For the City Yet to Come: Changing African Life in Four Cities, de autoria de AbdouMaliq Simone e publicado pela Duke University Press. Os direitos de publicação e reprodução são propriedade da Duke University Press. Este artigo foi traduzido para o português de Portugal. Os editores decidiram acolher neste dossiê as múltiplas grafias da língua portuguesa, conforme é escrita em cada um dos países lusófonos.